

O Castelo Estense - Ferrara

Editora Beta Gamma

Folha de Rosto

A cargo de Marco Borella

Tradução livre: Maria Inez Kampmann

inezinhafk@gmail.com

O CASTELO ESTENSE FERRARA

Índice

Introdução

A família D'Este em Ferrara

A Fortaleza

A Rocha do Leão

O canteiro de Obras do Castelo

A vida na fortaleza

O Palácio da Corte

O castelo de Hércules I

O Castelo de Afonso I

O Castelo de Hércules II

Girolamo da Carpi

O Castelo de Afonso II

O Castelo dos Cardeais

Séculos XVII e XVIII

Século XIX

O Castelo de 1900 até hoje

Os restauros de 1910 a 1930

Os últimos restauros

O percurso da visita

Andar térreo

- As Prisões
- As Salas Góticas
- As Cozinhas do Duque
- O Pátio da Honra

Primeiro Andar

- O Jardim das Laranjeiras
- Os Camarins Dourados ou de Alabastro
- A saleta dos Bacanaís de Afonso II
- A Capela Ducal de Renata da França
- O Aposento do Espelho
- A Antecâmara do Governo
- A Sala do Governo
- A Sala da Devolução
- A Sala das Paisagens
- A Sala das Geografias
- O Salão dos Brasões
- A Galeria dos Camarins
- A Sala Comunal
- A Saleta dos Venenos

Fotografias - Arquivo da Província de Ferrara

Massimo Baraldi

Luca Gavagna – As imagens de Ferrara

Desenhos - Cristina Gilli

Revisão - Angela Ghinato

Introdução

A família D'Este dominou Ferrara e seu território da segunda metade do século XIII até o ano de 1598, ano em que foram obrigados a entregar o controle da cidade ao governo direto do Estado da Igreja e aos cardeais designados representantes do Papa.

Naquele período, todos os Senhores e Duques D'Este haviam construído, por motivos militares, políticos e de capricho, uma rede interligada de construções, torres, fortalezas, casas de campo e edifícios na cidade que atualmente constitui um patrimônio de altíssimo valor histórico-cultural a ponto de merecer o reconhecimento da UNESCO como Patrimônio da Humanidade.

Dentro desta série de monumentos, se destaca, no coração da cidade de Ferrara, o complexo que representou, por mais de dois séculos, a Residência Ducal. Mais do que apenas um edifício, trata-se de uma porção urbana edificada e articulada com múltiplas construções. Ao palácio que foi a primeira sede dos Este, defronte à Catedral e ladeado pelo amplo pátio que é hoje a Praça Municipal, somaram-se pouco a pouco no tempo outras construções. Essas acabaram por estender-se em uma ampla face que, de sul a norte, alcançava a esquina da rua Giovecca, a então Rocha do Leão. Entre todas as construções contidas no quarteirão Estense, o grande e monumental Castelo dominava e domina até hoje a cidade, com sua imponência, particularmente compacto e protegido; tanto que, na época, as contravenções cometidas dentro de seu perímetro eram punidas com o dobro da pena. Exibindo quatro potentes torres altas como campanários, formando um quadrilátero maciço de corpos de tijolos e pedras, o Castelo, todo circundado por um fosso, constitui hoje um raro exemplo arquitetônico e rica atração para os visitantes.

O viajante que se aproximava de Ferrara era confrontado com o fascínio e poder que o Castelo Estense emanava sobre a cidade e sobre todo o território ao redor. Aproximando-se de barco ou carruagem, mais do que de cavalo ou a pé, nesta terra eternamente contida pela água, o destaque massivo do Palácio Estense, que se avistava ao longe na vastidão da planície, acima das copas frondosas dos bosques, certamente devia incutir admiração e respeito.

Seiscentos anos de história estão hoje encerrados entre estas potentes cortinas de muros em um monumento que é o símbolo da cidade de Ferrara e de seu território: uma grandiosa realização que testemunha e conserva a memória do lugar e que paternalmente o domina, feito irrenunciável aos olhos de quem explora o panorama da planície ferrarense.

A FAMÍLIA ESTE EM FERRARA

No panorama político italiano, muitas Comunas viviam momentos de autonomia em relação ao poder feudal e em 1264 Obizzo d'Este foi aclamado Senhor da Cidade de Ferrara. O Estense prevaleceu, mesmo sendo um concorrente externo, ao final de uma longa, serrada e sangrenta luta pelo poder entre as famílias locais, e que tinha como especial concorrente a Dinastia dos Salinguerra, de inspiração política gibelina.

O poder dado aos Estenses, casa rica em concessões territoriais no Vêneto meridional, foi sancionado com os estatutos de 1287. Particularmente, o evento político significou para Ferrara a prevalência de um sistema conservador de modelo feudal (sustentado por Veneza principalmente: a potente vizinha sempre atenta para sufocar qualquer concorrência na região do delta do rio Pó), contra a procura de autonomia das corporações locais mercantis e de ofício. A casa Estense consolidou sempre mais seu próprio poder, baseado na propriedade da terra, controlando capilarmente e diretamente o mundo político, militar e mercantil. Os Senhores se sustentavam com taxas e tarifas impostas inicialmente apenas às classes camponesas, mas, depois, também à aristocracia e ao clero. Por mais de três séculos o cenário político da cidade e do território de Ferrara havia sido sempre dominado pela família mais poderosa.

Esta continuidade política e administrativa fez, sim, com que o esplendor de Ferrara e da Corte Estense crescessem e se incluíssem num espaço reconhecido e significativo entre as cortes europeias mais prestigiadas. Durante a primeira parte do governo dos Senhores, em pouco menos de 150 anos, Ferrara teve um desenvolvimento urbano surpreendente e viu seus próprios muros expandirem-se até quatro vezes sua extensão; vastas áreas do Delta Padano foram beneficiadas e a arte e a cultura viveram momentos de grande valor e repercussão.

Nicolau II d'Este, em um momento particularmente difícil para a consolidação política dos Senhores sobre uma cidade sempre mais exasperada pelas taxações onerosas e oprimida por aluviões, guerras, carestia e epidemias, respondeu a uma enésima tentativa de revolta, que não seria a última, com o destroçamento do próprio poder.

A revolta sangrenta de 1385, que levou à construção do grande Castelo de São Miguel, - com o qual se impôs o indicativo fundamental de um poder despótico de domínio da cidade, definitivamente submissa, e de uma população que naquele momento não tinha tido nenhuma ocasião séria de reagir contra o Senhor - foi um sinal de grande força política e militar que tirou das famílias ferrarenses qualquer intenção de competir com os Este no controle da cidade. Depois de Nicolau II, por poucos anos, seu irmão Alberto soube manter o poder, ainda que se mantivesse bastante seguro por seu antecessor, com um olhar sensível pelas artes e estudos. Não raro, deste momento em diante, a política dos Estense soube suprir as carências da política de Estado e da nem sempre luminosa dimensão moral dos Senhores, com

grandes símbolos de mecenato e de iluminação cultural pelo esplendor e a grandeza da família e da corte.

A Alberto d'Este se deve a fundação da Universidade de Ferrara no ano de 1391. O filho de Alberto, Nicolau III, tinha um caráter mais grosseiro que o do pai, mas certamente era dotado de grande instinto político, o que lhe garantiu dar solidez ao Estado, tornando-o capaz de encarar com crescente sucesso as futuras políticas italianas.

A isso se associam devassidão e falta de escrúpulos, evidentes entre outras coisas, pelas prisões do Castelo, pelos adversários (políticos ou não,) encarcerados e executados: foi esse o caso de Giacomo Giglioli, réu por haver expressado sua discordância pela designação do sucessor ao poder, ou pelos mais famosos amantes e vítimas Ugo d'Este e Parisina Malatesta, respectivamente filho e jovem esposa do Marquês.

Sucederam a Nicolau, respectivamente, seus filhos Leonel, Borso e Hércules. Esses demonstraram um poder maduro e sólido e cada um deles soube, na expressão de seus caracteres diversos, criar uma feliz complementação da orientação política da Casa Este e na consolidação sempre mais evidenciada do papel da cidade de Ferrara no panorama político não apenas italiano.

Leonel, príncipe sagaz em política, refinado e amante das artes, deu impulso a um ilustre círculo humanista, rodeado pelo mestre Guarino de Verona, Angelo Decembrio e Leon Battista Alberti.

Borso, homem de ação, bom soldado, ambicioso e considerado Homem de Estado, ganhou para a Família o título de Duque em 1471. Com capacidade de trabalho incessante, deu impulso à economia sobretudo através de melhorias do território ferrarense, em grande parte pântano e improdutivo.

Sustentou a Universidade e as Artes a ponto de promover a realização do famoso ciclo de pinturas dos Mesi na “delícia” de Schifanoia e da obra famosa obra de iluminuras denominada justamente de “Bíblia de Borso”.

Hércules I sucedeu ao irmão sem afrontar o sobrinho Nicolau, filho de Leonel, que tentou, com o apoio de Ludovico Gonzaga, duque de Mantova, tomar o poder promovendo a revolta da cidade de Ferrara em 1476. Eleonora de Aragão, mulher de Hércules – naquele momento fora de Ferrara-, apressou-se a encontrar refúgio com seus filhos no Castelo de São Miguel. O Duque, posteriormente, esmagou a revolta com um feroz banho de sangue. A partir de então, na política do Duque prevaleceu a diplomacia, mesmo que enfrentando confronto militar com Veneza.

Conseguiu, notadamente, - com a impressionante consolidação do próprio poder – casar seus filhos Isabella, Lucrecia, Beatriz e Afonso, com, respectivamente, Francesco Gonzaga, marquês de Mantova, Aníbal Bentivoglio, Senhor de Bolonha, Ludovico e Anna da família Sforza de Milão. Seu outro filho, Hipólito, tornou-se cardeal. À sua perspicácia deve-se a grande ampliação dos muros da cidade, a “Adição de Hércules” que foi realizada em conjunto com o arquiteto Biaggio Rossetti e mudou radicalmente a cidade. Em poucos anos, durante os quais os canteiros de

obras funcionaram incessantemente, para a construção dos muros, edifícios, ruas, praças e conventos, a cidade foi radicalmente duplicada e de um pequeno Burgo Medieval surgiu uma joia urbanística do Renascimento.

O Castelo, habitado pela corte da Duquesa Eleonora desde a revolta de Nicolau, filho de Leonel, encontrava-se, então, no centro da cidade. Referência enorme e visível sob qualquer ângulo do terreno urbanístico, começou a transformar-se para ter quase exclusivamente a função de Residência da Corte.

Hércules I morreu em seu novo apartamento no Castelo em 1505 depois de ter designado como sucessor seu filho Afonso.

Afonso I enfrentou logo o descontentamento dos irmãos Ferrante e Júlio após ter garantido a aliança do outro irmão, o poderoso cardeal Hipólito. Ferrante encarava com evidente inquietude o favor prestado do pai ao irmão Afonso entregando-lhe o Ducado. Inquietude levada à hostilidade evidente. Júlio viu-se envolvido numa rivalidade pessoal com o irmão Hipólito, que incluiu uma tentativa contra a vida do irmão, por motivo fútil de ciúme. Júlio salvou-se por pouco dos assassinos, não sem ter sido ferido gravemente nos olhos. A situação se precipitou rapidamente e levou os dois irmãos a se aliarem na intenção de vingança a ponto de atentarem mais vezes, sem sucesso, contra a vida do Duque.

Descobertos, os irmãos foram capturados e presos. A condenação à morte contra eles de 1506 foi imediatamente transformada em pena de prisão perpétua a cumprir-se nas Prisões da Torre dos Leões. Ferrante morre, na prisão, no ano de 1540 e Júlio é libertado pelo Duque Afonso II, seu sobrinho, somente em 1559, com a idade de oitenta e um anos. O Duque Afonso I, que esteve a seu lado, casou-se com Anna Sforza e Lucrecia Bórgia, alternou paixões contraditórias, ora voltadas à fusão de armas, levando Ferrara a ser uma potência militar temida, e ora voltadas às artes e à cultura. Assim o Ducado obteve o esperado e inegável desenvolvimento ligado à dinâmica política que havia sido empregada, ligado, entre outras coisas, às guerras contra Veneza e aos desencontros contra o exército do Papa Júlio II, e a um crescimento artístico e cultural vigoroso. A maior expressão disto é o incremento que o Duque deu às coleções dos Este com o recolhimento de preciosos objetos de arte, conservados nos “Camarins Dourados” que o próprio Afonso mandou construir com esse propósito acima da rua Coberta do Castelo. Sucedeu a Afonso, em 1534, no ano de sua morte, seu filho Hércules II, nascido da união com a Duquesa Lucrecia. Também este Duque teve, a seu lado, uma mulher com grande personalidade que influenciou a corte e a cultura ferrarense. Renata de Valois, filha do rei da França Luís XII. Mulher muito decidida, procurou, também, impor os interesses de sua família de origem, de acordo com a conveniência diplomática Estense.

Por meio de sua cultura estrangeira, Renata contribuiu para derrubar muitas fronteiras de provincialismo no Ducado e na corte, alargando notadamente os horizontes diplomáticos e artísticos. Não teve escrúpulos para professar e promover sua fé calvinista; e hospedou Calvino no Castelo em 1536. Durante o Ducado de Hércules II, Ferrara realizou muitas obras públicas, uma bela expansão dos estudos universitários e, em geral, uma discreta consolidação da economia, ainda que num momento difícil universalmente e para a política italiana, para um Estado de grandeza média como o

de Ferrara. O cardeal Hipólito II foi, naquele período, um protetor e aliado precioso de Ferrara, que trabalhou da esplêndida vila d'Este, em Tivoli, até próximo de Roma.

A solidez econômica do Ducado residia, evidentemente, também nas grandes obras de ampliação e de embelezamento que Hércules encomendou para o Castelo, ao arquiteto e pintor Girolamo da Carpi e que transformou definitivamente a construção naquele fabuloso híbrido arquitetônico entre Palácio da Corte e Fortaleza Militar que hoje admiramos.

Hércules II morre em seus aposentos no Castelo em 1559, deixando a condução do Ducado a seu filho Afonso II. A estabilidade política do Ducado Estense esteve, até este ponto da história, fragilizada pela ausência de uma descendência masculina legitimada na sucessão.

Três matrimônios, com Lucrecia de Médici, Barbara da Áustria e Margarida Gonzaga, não foram suficientes para distrair o interesse do Estado da Igreja sobre Ferrara.

Para evitar uma anexação previsível e o declínio de sua Casa, Afonso II tentou várias estratégias, como a participação na cruzada contra os turcos, a vã tentativa de sucessão ao trono da Polônia, ações militares, e mesmo tratativas diplomáticas a vários níveis, com o Pontífice.

O Ducado, ao sair de todas essas ações infrutíferas, e de um terremoto desastroso que atingiu a cidade em 1570, economicamente destruído. O Castelo sofreu muitos danos e o Duque providenciou na sua restauração completa, enriquecendo-o com uma interessante ronda decorativa, que atualmente encontramos no "Aposento do Espelho".

A morte de Afonso II em 1597, sem herdeiro legítimo e sem ao menos um sucessor reconhecido pela Igreja, obrigou os Este a abandonar a residência principesca do Castelo e a cidade de Ferrara em 1598.

A transferência obrigatória de sua sede se deu no vizinho Ducado de Módena.

Completo-se, assim, um ciclo importante para a cidade de Ferrara. Os Este, ainda que num domínio bastante autoritário, muitas vezes despótico e vergonhoso no aproveitamento das escarças possibilidades econômicas da província, tiveram uma posição política por longo tempo sólida e vantajosa vinda de dotes diplomáticos relevantes.

Graças a isto, a corte Estense conseguiu alcançar o nível Europeu de excelência como mecenas e produtores de cultura e artes, expressando personagens de elevado valor como Ludovico Ariosto, Torquato Tasso e Matteo Maria Boiardo, dando vida a um ciclo de coleções de altíssimo calibre para cada expressão artística, da iluminura à medalhística, da coleção de pinturas à tapeçaria, da escultura às armas de desfile: coleções então invejadas pelas mesmas cortes imperiais, papais e reais.

O Castelo, que havia se tornado esplêndido cofre dessas opulentas, ricas e cultas coleções, no ano da Devolução do Poder (1598), foi espoliado de seus tesouros, que acabaram separando-se e fazendo parte de acervos que hoje se encontram em grandes e importantes museus europeus e italianos, que os expõem com grande

orgulho merecido: peças artísticas de grande valor, fruto do Mundo Cultural Renascentista da grandiosa Corte Estense.

OS ESTENSE

Senhores, Marqueses, e Duques de Ferrara nos anos de seu domínio

Obizzo II 1264 - 1293

Azzo VIII 1293 - 1308

Obizzo III, Rinaldo II e Nicolau I 1328-1344

Obizzo III 1344 - 1352

Aldobrandino III 1352 - 1361

Nicolau II 1361 - 1388

Alberto 1388 - 1393

Nicolau III 1393 - 1441

Leonel 1441 - 1450

Borso 1450 - 1471

Hércules I 1471 - 1505

Alfonso I 1505 - 1534

Hércules II 1534 - 1559

Alfonso II 1559 - 1597

A Fortaleza

Era 29 de setembro de 1385 quando o Marquês Nicolau II iniciou a construção de uma fortaleza poderosa, confiando o trabalho ao Engenheiro da Corte Bartolino de Novara. Era o dia de São Miguel e o futuro Castelo foi dedicado ao nome deste santo Arcanjo.

A Torre dos Leões

Anteriormente, nesse local, havia uma torre de guarda antiga, que, pelo menos por cem anos, defendeu os muros norte da cidade e, principalmente, a próxima e importante “Porta do Leão”, para além da qual se estendia um pequeno burgo que tinha o mesmo nome. Os muros norte de Ferrara ficaram defendidos por um amplo canal que se ligava ao sistema fluvial do rio Pó. A cidade, naquele tempo, se estendia ao longo da margem esquerda da via principal do grande rio, que, justamente à altura da cidade de Ferrara, iniciava seu grande delta. Foi a água a melhor defesa dos locais, dos burgos e da cidade. A torre de guarda tinha sido transformada e ampliada por vontade do próprio Nicolau II naquele ano antes da construção do Castelo.

De torre retilínea, alta, de planta quadrada, construída apenas para vigilância, a torre passou a rocha maciça, mais adaptada ao objetivo de defesa, mais larga na base e com bancadas largas no primeiro piso, adequadas para incorporarem as novas técnicas de defesa bélica. As bancadas eram acessíveis através de uma rampa interna, cobrindo os três lados, adaptada ao transporte de armas e munições com os animais de carga.

As amplas salas do primeiro piso e do térreo eram destinadas ao corpo de guarda enquanto, no porão escuro, ficavam as prisões. Externamente, a arquitetura da Torre dos Leões era marcada por três arcos centrais, com lesenas evidenciando os quatro ângulos de tijolos de maior espessura em relação ao resto da edificação, como tantas outras torres pequenas. As paredes externas eram rebocadas e apresentavam afrescos com elementos decorativos simples de flores e fitas.

A Torre logo foi cercada por um fosso, que permitia aos barcos atracação protegida, ao norte da cidade, e foi ligada, por um lado, à Porta do Leão, e por outro, aos muros da cidade por pontes levadiças. Em 3 de setembro de 1385 a população de Ferrara protestou nas ruas e nas praças, indignada por incontáveis taxas opressivas.

Naquela ocasião assaltos e incêndios apavoraram os Estense que, para acalmar a revolta que alcançou as portas de seu castelo tiveram que entrar em acordo com a multidão feroz.

Tommaso de Tortona foi encarregado das negociações. Juiz dos Savi e conselheiro do Marquês, enfrentou os revoltosos e foi barbaramente assassinado por eles. Dominado o perigo e com o controle da cidade retomado, Nicolau II deu-se conta da fraqueza de sua posição política e logística. Decidiu, então, nos dias seguintes, prender e fazer justiça aos líderes da revolta e construir uma nova Fortaleza (um novo castelo, denominado Castel Tedaldo, defronte ao grande rio Pó, defendendo a cidade pelo lado Sul), capaz de defender a si mesmo e sua família e sua posição de Senhor; não só contra ataques externos, mas sobretudo contra os ferrarenses que identificavam os Estense como estrangeiros e opressores.

O canteiro de obras do Castelo

O Marquês adquiriu os terrenos que separavam seu castelo de família dos muros norte da cidade, e, portanto, da Torre e da Porta do Leão, onde existia o pequeno quartirão de São Juliano, localizado ao redor de uma igreja dedicada ao santo.

O pequeno burgo foi totalmente destruído e se fez ali um enorme canteiro de obras. A igreja de São Juliano foi reconstruída em local próximo, vinte anos depois de sua destruição, onde ainda se encontra.

Bartolino de Novara, então famoso projetista e construtor de igrejas e fortificações, desenhou o Castelo de São Miguel, a partir do anterior, provavelmente idealizado por ele mesmo, núcleo defensivo da Torre dos Leões.

Para se ter uma ideia do projeto do Castelo de São Miguel que Bartolino de Novara construiu naquela época se pode fazer referência ao atual aspecto arquitetônico do Castelo de São Jorge em Mantova, desenhado pelo próprio Bartolino, dez anos depois, para Francisco Gonzaga, ainda que as dimensões sejam bem mais reduzidas.

O esquema do projeto concebeu unir à Primeira Torre, chamada de Torre dos Leões, outras três torres dispostas em quadrilátero, chamadas de Torre de Santa Catarina, Torre de São Paulo e Torre do Marquês, todas com igual altura e volume, subdivididas em três planos.

Entre as torres, foram construídos amplos corpos de construção, de dois pisos, constituindo uma verdadeira fortaleza, internamente aberta para um grande pátio; fortaleza alta, articulada, com aspecto inexpugnável. Um alto e afilado pedestal alcançava o marca-piso do andar térreo, assinalado por um filete de pedra, evidenciando trançados em cujas extremidades se identificam os escudos decorados do emblema da família Este.

Bem como sobre a rocha pequena, os bastiões do segundo andar dos corpos de construção e os do terceiro piso das torres eram defendidos pelas ameias salientes sobre as mísulas, de acordo com as fórmulas mais tradicionais da arquitetura bélica da época. Os porões foram construídos com abóbadas de berço baixas, que uniam as salas subterrâneas das torres. Sobre esta estrutura maciça e potente, mais como elemento de fundação do que de elevação, repousa toda a grande massa de edificação do Castelo. O piso térreo, mais alto em relação ao pátio, era composto de uma série de salas com cobertura em cruzaria.

O primeiro piso era predominantemente formado por amplas galerias que uniam as torres, também essa com cobertura em cruzaria. Os bastiões do segundo piso eram provavelmente cobertos por madeira e telhas. As conexões verticais eram garantidas por escadas em caracol fechadas pelos muros grossos externos. Como aberturas, havia seteiras no piso subterrâneo e, no primeiro piso, sobre os corpos avançados e sobre os revelins. Para o resto, havia pequenas janelas que iluminavam as grandes salas do piso térreo e o primeiro piso. Toda a fortaleza era circundada por um amplo fosso em adição ao fosso da Torre dos Leões, que se encontrava coberto, pelos dois lados, pela nova construção. Os acessos eram defendidos por corpos avançados ao lado das torres; e uma primeira ponte levadiça os ligava aos revelins. Pequenas torres de apoio, construídas no fosso, conectavam-se à margem externa do fosso por outras pontes.

Para a segurança da família D'Este, a sua residência da praça foi conectada ao Castelo de São Miguel através de uma ponte que iniciava no primeiro piso do castelo para ligar, depois de atravessar e elevar a esplanada do terreno e do fosso, que dividiam os dois edifícios, diretamente ao pátio da fortaleza.

A vida na Fortaleza

As primeiras décadas de vida da construção serviram exclusivamente para sediar os fiéis exércitos estenses.

Ao lado dos alojamentos militares e da criadagem está o Castelo, na mais clássica e tradicional fórmula de organização de edificações destinados a essas categorias: arsenais, escuderia, lojas, oficinas para a construção de armas e cerâmicas de uso comunitário, lavanderias, laboratórios para a produção de cera e sabão, e tudo o mais que pudesse ser útil ao pequeno exército e aos senhores do palácio vizinho. Nos subterrâneos se havia distribuído todas as lojas que, com ligação direta com o fosso e com o canal além-muros, continham todas as matérias primas para a vida do Castelo e de seus habitantes, desde a madeira para o aquecimento até os mantimentos para a cozinha. Nesses ambientes com fácil contato com água, ricos em poças e bacias, sempre se encontravam também alguns laboratórios para a atividade de transformação mais grosseiras dos produtos não apenas para a cozinha: abate, lavagem e limpeza de gêneros alimentícios, preparação de ceras e outros.

No piso térreo e no pátio se desenvolviam as atividades mais complexas: ferraria, fundição, carpintaria, operários de construção, ceramistas que se ocupavam de cuidados com os cavalos, produzir e fazer a manutenção das armas, restaurar carros, fabricar louças para o uso diário.

No primeiro piso, com acesso por estreitas escadas em caracol, e insuficientemente aquecidos por braseiros, ficavam os alojamentos dos soldados e oficiais. Nas sacadas os soldados montavam guarda e se exercitavam com armas à espera de alguma batalha em campanha de guerra ou algum ataque que o Castelo de Ferrara pudesse sofrer.

As prisões

É notável um outro uso que, desde o início, os Este deram à sua mansão, que, evidentemente, havia demonstrado ser segura. Entre suas muralhas foram detidos prisioneiros especiais, não os comuns, que eram encarcerados nas celas do Palácio da Razão, na praça central da cidade. Os réus, julgados culpados de contravenções contra a Família Este, por atentados contra o poder do Senhor, bem como conspirações e traições entre familiares. Quase sempre os detentos do Castelo eram pessoas de classe, que geralmente deixavam seu testemunho nas inscrições ainda visíveis nas prisões mais importantes. As crônicas descrevem, já em 1388, a detenção, no Castelo, de Obizzo d'Este, com sua mulher Beatrice da Camino, ele sobrinho do então Marquês Alberto. Foram detidos junto com muitos outros participantes de conspiração planejada para obviamente tomar o poder, que terminou em séries de terríveis execuções. Em 1425, nas masmorras do Castelo foram encarcerados e decapitados Ugo d'Este e Parisina Malatesta, de mesma idade, respectivamente sobrinho e jovem esposa de Nicolau III, réus não por conspiração, mas por romance infeliz que o Marquês não perdoou. Sob o período Estense, o Castelo, ainda que ampliado, não perdeu a função militar e a de aprisionamento de contraventores de possível cunho político. Ainda em seguimento à transformação da mansão em palácio habitado, o seu piso térreo foi sempre utilizado para a defesa de seus ilustres habitantes, ainda que as salas mais subterrâneas continuassem a ser povoadas por aqueles prisioneiros sobre os quais era realizada uma cuidadosa vigilância.

Borso d'Este em 1469 aprisionou e assassinou no Castelo muitos participantes da revolta da Família Pio, Senhores de Carpi, contra ele. Em 1506, novamente outra conspiração termina em reclusão no Castelo: Júlio e Ferrante d'Este, réus de conspiração contra seu irmão Afonso, designado para sucessão de seu pai Hércules I ao Ducado. Enquanto alguns conspiradores foram mortos em seguida, Ferrante morreu somente após alguns anos de prisão e Júlio mantido em cárcere na Torre dos Leões até 1556. Grafites dos reclusos em memória de sua “triste sorte” se encontram em diversas salas, visíveis desde o tempo dos Este, da época papal, napoleônica até o século passado.

O Palácio da Corte

A primeiro de setembro de 1476 o Duque Hércules I d'Este não se encontrava na cidade. Seu sobrinho, Nicolau, filho de seu irmão Leonel, aproveitando-se da sua ausência, com um grupo numeroso de tropas de Ferrara, invade e toma posse da Praça da cidade, substituindo a insígnia do tio, o “diamante”, pela sua “vela”. A Duquesa Eleonora de Aragão, enérgica coadjuvante do marido no governo da cidade durante suas longas e frequentes ausências, foge com seus filhos do aposento do palácio em direção ao seguro Castelo de São Miguel. Para isso, atravessa uma ponte que há poucos anos havia sido transformada em uma sólida galeria ao resguardo de intempéries e de olhares curiosos, chamada, desde então, de “Rua Coberta”.

Os Ferrarenses não ajudaram os invasores que viessem a serem rejeitados, capturados e executados. O próprio Nicolau, três dias depois, teve a cabeça cortada na Torre de Santa Catarina. O episódio foi bastante significativo já que contribuiu de maneira determinante para a decisão de deslocar definitivamente a residência Ducal para entre as muralhas seguras da mansão. Desse momento em diante, a fortaleza iniciou lentamente sua transformação em residência digna de hospedar nos seus aposentos Duques e Duquesas através de longo e contínuo trabalho de construção de novos aposentos, transformação de alas inteiras, ampliações, elevações; a cargo do engenheiro da Corte Pietro Benvenuti degli Ordini.

Decorações com fins de embelezamento foram iniciadas certamente com Borso d'Este, mas ao tempo de Hércules, o Castelo começou a mostrar obras de decoração sobretudo externas, entre as quais as Torres do Marquês, e a dos Leões, em direção à rua que ia da Porta do Leão até a praça do Mercado.

O Castelo de Hércules I

Com Hércules e Eleonora, realizaram-se muitas decorações novas, tanto externas quanto internas, mas, sobretudo, se realizaram importantes ampliações e transformações ao longo da linha que liga o palácio velho às salas vizinhas da Torre dos Leões. Obviamente se tentou transformar as austeras salas da fortaleza em aconchegantes aposentos e criar uma área no primeiro piso em continuidade com o palácio, mas sem interferência com o piso térreo. O piso do Pátio, concentrava ainda importantes funções estritamente defensivas da nova residência Ducal fortificada. A Rua Coberta, novo aposento do Duque, foi ampliada e extensamente decorada no exterior, com afrescos, estátuas e falsa arquitetura. A ala Leste do Castelo foi duplicada, o pátio foi ampliado, nessa época, com um novo alojamento e, talvez nesse mesmo momento, do pátio que veio a ser o “Pátio de Honra”, foram transferidos para

os grandes pátios que circundavam o Castelo os estábulos e muitas oficinas de serviços que haviam sido reformadas anteriormente, num primitivo alpendre, entre os quatro lados da corte do Castelo, sustentado por grossas pilastras quadradas.

Em 1483, Biagio Rossetti aproximou-se do Duque Hércules, sendo o novo arquiteto da Corte: os dois deram vida a um momento mágico para a história arquitetônica e urbanística da cidade que viu, em poucos anos, suas muralhas redobradas, múltiplos canteiros de obras criados em suas ruas, praças, palácios, igrejas e conventos. Os efeitos disso ecoaram até mesmo no Castelo, que se encontrava, então, no centro da cidade. Esta centralidade urbana dos Castelos, é bastante rara ainda hoje, e para os Castelos que a história conservou. O mais comum, na verdade, é que os castelos estivessem separados, dentro do terreno urbano, e, onde possível, encravado em rochas, mas evidentemente sempre prontos a cumprir sua função original de defender o burgo ou a cidade contra algum ataque direto de inimigos potenciais. O Castelo de Ferrara, com sua perfeita centralização urbana, ainda que evidentemente uma edificação de caráter protetor, tornava-se, assim, uma austera presença viva, que ainda hoje se irradia sobre a cidade. Não apenas domina o panorama do campo circundante, mas também é visível ao fundo de muitas ruas que, vindas dos velhos e novos Portões, conduzem ao centro da cidade. Os trabalhos de embelezamento de então se concentraram sobre os aposentos de Eleonora, que se encontravam em torno da Torre do Marquês, em direção à Torre dos Leões. O próprio Biagio Rossetti iniciou a construção do Jardim das Laranjeiras e das novas Cozinhas Ducais naquela parte do Castelo.

O Castelo de Afonso I

Com a morte de Hércules, em 1505 sucede-o seu filho Afonso I, que prosseguiu a reestruturação do castelo-palácio, iniciada pelo pai e sempre orientada pelo arquiteto da Corte, Biagio Rossetti. Além de modernizar o aposento da Duquesa, então Eleonora, antes de Anna Sforza e depois Lucrecia Borgia, o Duque adequou outras alas e salas do Castelo a fim de, entre outras coisas, alojar um Arsenal e vários ambientes para recuperação de armas e munições, grande paixão do Duque, projetista e fundidor talentoso de canhões. Alojava ainda uma Botica e uma Ourivesaria. Afonso completou as Cozinhas Ducais, construídas em cima das fundações da Porta do Leão e do barbacã leste, abaixo do Jardim das Laranjeiras; e, sobretudo, modernizou e ampliou para si mesmo o aposento-estúdio que foi de seu pai. Sobre a Rua Coberta, construiu em uma sequência de salas o pequeno, mas valioso quarteirão residencial chamado os “Camarins Dourados” ou “de Alabastro”, onde se encontra uma importantíssima coleção da capacidade artística da época. Um verdadeiro e exclusivo programa decorativo ao qual foram chamados a colaborar grandes artistas do tempo, ferrarenses e de outros locais: Tiziano, os irmãos Dossi, Antonio Lombardi, Raffaello Sanzio, Giovanni Bellini e outros mestres.

As Salas Góticas

Nas pequenas salas do andar térreo que iniciam as visitas ao Castelo, podem-se ver a estrutura e a decoração original do edifício, assim como eram em 1385, ano do início da construção. São caracterizadas por nervuras robustas em terracota e, nas pedras

angulares veem-se os símbolos heráldicos de Nicolau II e seu filho e sucessor Alberto d'Este.

As Cozinhas Ducais

Os grandes ambientes das Cozinhas, com o teto em caracol (preparatório para um afresco que não chegou a ser feito), com as janelinhas quadradas sobre o lado menor (constituindo a tomada de ar que ficavam ao lado de um braseiro sob uma capa tão larga quanto as paredes), com o pavimento (em que ainda eram evidentes as marcações dos drenos, tanques, fornos e fogões), era o cenário necessário de apoio ao ritual pomposo do banquete da corte. Nesse teatro se realizava a obra de Cristoforo de Messisburgo, famoso cozinheiro ferrarense que, em plenos anos 1500 foi um autor teatral de refeições luxuosas, ricas de pratos geniais e criativos feitos no Castelo durante sua fama e do livro que ele escreveu em cortes de amigos.

O Jardim das Laranjeiras

O encantador terraço que leva o nome de Jardim das Laranjeiras encontra-se um dos percursos mais sugestivos do Castelo que não se limitava a ser hospedaria e que se torna, com Afonso I, um "lugar de delícias". Trata-se de um passeio entre alojamentos, sacadas e jardins que se estende da Torre do Marquês até a Torre dos Leões, cercando-a toda, e terminando na Saleta dos Jogos.

Encontramos sacadas que, em algum momento foram reparadas por paredes de madeira, decoradas e cobertas por chumbo, alojamentos que descortinavam, com amplos arcos, a vista sobre a cidade, mostrando simultaneamente as ricas decorações internas, terraços ricamente ambientados com quintas arquitetônicas e plantas particularmente escolhidas por aquela que virá a ser a tradição e cultura do jardim à ferrarense que terá repercussões importantes em toda a Europa.

Os Camarins Dourados ou de Alabastro

A breve sequência de salas e saletas que se encontram no andar nobre do Castelo naquela ala que se projeta em direção ao Palácio Ducal dos anos 1.400, espaços utilizados antes de Hércules e então com Afonso I e com os outros Duques, se identifica com o lugar privado do Duque onde ele se encontrava o recolhimento na mais profunda atividade intelectual. No curso do século XVI este "aposenso" se transformou, ainda segundo a moda do tempo dos "estúdios" no lugar depositário das coleções de obras de arte e objetos de valor. Em particular, os Camarins do Castelo se identificavam com um riquíssimo ciclo pictórico de grande valor, inspirado nos Bacanaís, hoje disperso pelos maiores museus do mundo. A sala das refeições, situada junto à Torre do Marquês, projetada sobre o fosso do Castelo, revela a sequência de ambientes localizados na ala da Rua Coberta. Nestes cinco locais principais nos quais se subdividia a ala do palácio, durante as primeiras décadas de 1500 encontravam-se equipados os famosíssimos "Camarins Dourados" ou "de Alabastro", sede da coleção dos tesouros de arte colecionados por Afonso I d'Este.

Testemunharam essa época a sacada de pedra branca na ala leste, realizada segundo o desenho de Tiziano e os dois portais também em pedra que davam acesso aos últimos ambientes da sequência de salas, antes de unirem-se à Corte Velha,

sobre as quais se encontra, na arquitrave, a inscrição ALFONSUS DUX III (Afonso I, terceiro Duque). Um incêndio, nos primeiros anos de 1600 e o uso nos últimos séculos destes locais, dedicados à residência privada de Cardeais e de prefeitos que habitaram o Castelo, não permite atualmente qualquer reconhecimento de traços artísticos originais. Resta o fascínio que transparece dos elementos arquitetônicos e decorativos dos ambientes reconstruídos depois dos restauros mais recentes.

O Castelo de Hércules II

Hércules II, filho de Afonso I e de Lucrécia Bórgia, soube, com fineza e sensibilidade, prosseguir com a obra de embelezamento do Castelo, já bastante caracterizada por seu pai. Decorou com pinturas e afrescos diversas salas, tanto em complementação aos ciclos decorativos que seu pai realizou, como por sua iniciativa própria. Autores principais das obras foram Tommaso da Carpi, Battista Dossi, Tommaso da Treviso, o Garofalo, Camillo Filippi e Girolamo da Carpi. Hércules I prestou atenção especial a setores da edificação sob uma nova categoria residencial e de representação – as salas da ala sul – em particular o Salão do Governo e o apartamento da Torre de Santa Catarina, objeto de um ciclo decorativo centrado sobre a assim chamada “Câmara da Paciência”, com, entre outras, excelentes obras de Camillo Filippi e Girolamo da Capri.

Um grande incêndio em 1554 causou muitos danos às estruturas altas do Castelo, envolvendo, além de metade da Torre do Marquês até a Torre dos Leões e a de Santa Catarina. O evento induz o Duque e seu arquiteto da Corte a intervirem não apenas numa reconstrução simples dos solares e das coberturas perdidas ou danificadas, mas também no aspecto arquitetônico do Castelo. Desde então ficou consolidada a sua função residencial. Na parte interna do andar nobre e na parte externa da edificação fez-se um completo redesenho que transformou o aspecto do Castelo na forma que podemos considerar bastante próxima daquela que o monumento atualmente apresenta.

Girolamo de Carpi

A fantasia criativa de Girolamo de Carpi, que teve, ao tempo do Duque Hércules I, o encargo de arquiteto da Corte até sua morte em 1556, fez da conjuntura do Castelo Estense de Ferrara um mágico e ambíguo objeto arquitetônico fascinante, digno de toda a curiosidade e admiração que acompanha imediatamente o olhar dos visitantes. Girolamo, arquiteto e pintor, já havia trabalhado na criação de cenários de Corte, como nas Delícias do Belvedere, do Belriguardo e provavelmente a do Verginese.

A imersão dessas edificações na natureza são evidentes apelos ao cenário artístico que a Corte Renascentista Estense soube evocar com artistas europeus de primeiro plano, entre os quais o mais representativo talvez seja Ludovico Ariosto, que, justamente para a Corte Estense escreveu sua obra-prima épica de Cavalaria “Orlando Furioso”. Em 1549, Girolamo de Carpi fez uma viagem para Roma, o que enriqueceu sua sensibilidade pelo fascínio do antigo, e por experiências arquitetônicas em curso, como a Villa Médici e os alojamentos do Castelo de Santo Ângelo. Ao voltar a Ferrara, o arquiteto da Corte construiu – com grande evidência – a vocação paisagística de uma mansão colocada no centro da cidade, protagonista da perspectiva que a enquadra na vista do campo, das ruas e da praça próximas. O

Castelo não fazia nada além de opor-se ao cenário que sobre suas potentes muralhas se espelhava. Girolamo de Carpi apenas criou uma série de “belvederes” onde a edificação permitisse abrir pontos de observação privilegiados sobre algum evento urbano que, depois da obra de Biagio Rossetti da “Adição Hercúlea”, se delineasse como um verdadeiro teatro cultural. Em prática naqueles anos, no Castelo se construiu um andar novo sobre todo o perímetro edificado, foram eliminadas todas as ameias dos muros sobre as mísulas e substituídas por sacadões em pedra; sobre as torres e ao redor dos bastiões da rocha da Torre dos Leões surgiram torrezinhas elegantes. Onde possível erigiram-se sacadas; o jardim em balanço foi enfeitado por elegantes muros, e embelezamentos arquitetônicos, decorativos e coloridos acabaram por confundir os códigos austeros da mansão.

O Castelo de Afonso II

A obra que revolucionou o aspecto do monumento foi dignamente levada a cabo, depois da morte imprevisível de Girolamo, por Alberto Schiatti, que foi também encarregado das reparações dos danos do terremoto desastroso que atingiu mais Ferrara e seu Castelo em 1570. Neste ínterim, Afonso II foi designado Duque. Tanto o incêndio quanto o terremoto haviam deixado também muitos danos a serem restaurados no interior dos aposentos do andar nobre. O novo dono da casa, filho de Hércules e da Duquesa Renata da França, imediatamente colocou-se a trabalhar num vasto trabalho de redecoração.

Todos os salões – aos quais se haviam adicionado os do novo segundo andar destinado não à residência, mas sim ao sempre mais complexo gerenciamento administrativo do território – foram amplamente renovados. São notáveis as intervenções dos Camarins Dourados, na Sala do Governo e onde quer que os danos dos eventos calamitosos ou ocasiões transitórias tenham exigido recuperações mais ou menos importantes. Quando Afonso decidiu chamar o arquiteto Pirro Ligorio – que havia trabalhado para a família na Villa d’Este, em Tivoli, sob as ordens de Roma, na pessoa do Cardeal Hipólito – evidentemente com a intenção de tornar a residência Estense prestigiada aos olhos do Duque, da Corte e do mundo, as obras de enriquecimento artístico se fizeram de modo sistemático e qualificado segundo um preciso programa decorativo e de conteúdo de alto nível. Naquela época, trabalhavam no Castelo como pintores: Girolamo Bonacciolli, Ludovico Settevecchi, Leonardo de Bréscia e Sebastiano Filippi, chamado de O Bastiãozinho. Foram adquiridas obras e esculturas para o Antiquário, se reorganizaram os aposentos, os Camarins e as Galerias, se pintaram afrescos no Aposento do Espelho, se renovou a Capela do Duque, e se decorou o pátio com tecidos típicos do Renascimento.

O Camarim dos Bacanais

Afonso II fez construir este Camarim no âmbito de seu Aposento do Espelho, fazendo alusão aos mais famosos Camarins Dourados de Afonso I, mesmo que em sua maior parte dedique-se ao tema dos Bacanais. As pinturas, particularmente executadas como afresco a óleo, passaram por diversas intervenções de recuperação, devido a sua delicadeza. Leonardo de Bréscia pode ter sido o autor da ambientação arquitetônica; o Triunfo de Ariana (quadro à esquerda), é atribuído a Ludovico

Settevecchi, mas a Vindima (quadro central) e o Triunfo de Baco foram reenviados à Botega da Família Filippi.

A Capela Do Duque ou de Renata da França

A Capela Ducal próxima do Local das Laranjeiras foi completamente revisitada pelos trabalhos no Castelo segundo a vontade de Afonso II. Reorganizada, também do ponto de vista planimétrico, a Capelinha que já era uma segunda igrejinha sobre a anterior de forma diferente e orientação diferentes, foi objeto de trabalhos que foram designados a Alessandro Balbi, que se efetivaram entre 1590 e 1591. O gosto do Renascimento alcança, neste ambiente que podemos considerar um pequeno e precioso porta-joias, o exagero de representação da riqueza e capacidade decorativa. Paredes de mármore, quase uma litoteca, sequências arquitetônicas douradas, frisos esmaltados não deixaram nenhum espaço sem desenho e decoração até o pequeno oratório, miniaturizado em um gaveteiro no centro do círculo. O teto é obra do pintor Giulio Marescotti.

O Aposento do Espelho

Com o nome de “Aposento do Espelho”, engloba-se toda a agregação de salas com afrescos de 1574 em diante, localizadas no andar nobre em torno da Torre dos Leões. Fazem parte dele a Sala da Aurora, a Saleta dos Jogos e o Salão dos Jogos. Os autores dos afrescos são Ludovico Settevecchi, Leonardo de Bréscia e o Bastiãozinho, afiliados à escola da família. Nestas salas, sendo as duas últimas já cuidadas junto ao aposento de Hércules II, que também providenciou os adornos das paredes com as famosas tapeçarias das “Pergolazinhas” – foram retratados ciclos pictóricos com cenas que representam as fases do dia, os jogos de infância, arte e exercícios físicos com inspiração clássica. Note-se como a fantasia pictórica dos autores é particularmente original nas decorações, consideradas frequentemente “menores”, frisos com temas de querubins correndo ou brincando, ou com elementos grotescos de evidente inspiração romana.

A Antecâmara do Governo

Nesta saleta, em uma estrutura decorativa bastante similar e contemporânea – final dos anos 1500 – à do salão seguinte, encontramos valiosas decorações de grotesco nos vãos das janelas e na pequena rótula. Na rótula que decora o octógono central são representados uma rótula de Cupidos e Guirlandas de frutas. Os Cupidos estão sempre representados com menor originalidade e frescor nas telas dos quadros laterais. As paredes contêm traços de uma interessante contaminação do estilo veneziano.

A Sala do Governo

O rico teto em caixotões que domina a Sala do Governo, comparável ao teto do Salão de Honra do Palácio dos Diamantes, foi construído entre o incêndio de 1554 e o terremoto de 1560: Girolamo Bonacciolli o decorou em 1559.

Este ambiente era de grande importância representativa: de fato, aqui os Duques preferiam exercer suas funções de Governo e de exercício da Justiça. Alguns identificam este ambiente como a “Sala da Estufa”, artefato de prestígio, construído na primeira metade dos anos 1500, notável pela figura de uma grande Águia Branca em porcelana. O caixotão central apresenta um encaixe marchetado dedicado à representação do deus Pan e é circundado por compartimentos geométricos de várias formas e dimensões.

Nesses, se vêem elementos iconográficos atribuíveis à celebração do Príncipe Estense governante na chave heráldica, de origem humanística. Artisticamente também muito importantes são as decorações grotescas das janelas.

O Pátio da Honra

É interessante a questão do Pátio do Castelo, durante a segunda metade do século XVI. Reduzido a uma planta quadrada iniciada no pórtico, em seu lado norte Girolamo de Carpi havia construído a Escadaria Espiral, permitindo acesso privilegiado ao Salão dos Brasões do andar nobre e ao segundo andar.

As fachadas são decoradas por uma primeira moldura, original, onde os festões em terracota e medalhões com a águia Estense foram pintados, mas lascados. No entanto, a segunda moldura é um raro exemplar em madeira da arquitetura ferrarense. Estes elementos arquitetônicos horizontais e raros pedaços de afresco monocromático pintados no lado sul, no primeiro andar, são tudo o que resta da estrutura renascentista do ambiente que Afonso II e Pirro Ligorio haviam desejado. Foram justamente estes elementos que cartões, modelos finais de uma série representativa e honrosa dos personagens Estenses retrataram. Foram feitos por Ludovico Settevecchi, que os pintou em 1566 uma primeira vez e, depois do terremoto entre 1578 e 1580, pintou novamente. Os duzentos personagens representados nos afrescos monocromáticos foram agrupados dois a dois, em uma ordem dupla, alternados por ricas decorações arquitetônicas das janelas.

Três cópias destes afrescos foram salvas de uma limpeza discutível das paredes do Pátio, realizada na primeira metade do século passado; e estão, agora, expostas no Pórtico do Pátio de Honra.

O Castelo dos Cardeais

Afonso II morreu em 1597, sem herdeiros diretos e o prestigioso Ducado de Ferrara ficou profundamente marcado por esse evento que o transformou em uma província periférica – longe da capital Roma – do Estado da Igreja. O Papa Clemente VIII aproveitou-se do problema da dinastia para reivindicar a governança dos Estenses, obrigados a deixar a cidade e transferir sua sede para Módena, cidade e território a sua disposição por investidura imperial. O evento foi determinante para a história de Ferrara e do Castelo Estense, naquele tempo sede dos cardeais designados e significou, entre outras coisas, o início de um processo de dispersão das importantes coleções de arte que os Estenses haviam acumulado, em sua grande maioria, no próprio Castelo. De fato, o Castelo permaneceu, daquele momento em diante, completamente espoliado de suas mobílias, de suas obras artísticas de pintura e escultura, bem como móveis decorativos que preenchiam as muitas salas, os

aposentos, os camarins privativos, os pequenos estúdios e as galerias da Residência Princesca. Quase todas as obras de arte foram transferidas para o Palácio Ducal de Módena, onde foram compor o núcleo principal da sucessiva e permanente coleção de arte da família Estense, enquanto muitas outras vieram a dispersar-se naquela situação e compuseram um pouco mais tarde importantes coleções romanas. A passagem do Castelo sob o controle direto do Estado da Igreja e dos cardeais designados, não representou, todavia, apenas uma perda de obras que são o orgulho de muitos museus em todo o mundo. Não há dúvida de que como Ferrara, de capital de uma Corte de nível europeu, foi reduzida, num golpe, a um centro periférico menor, na fronteira norte de um grande Estado regido pelo Papa da Igreja de Roma. Também o Castelo se tornou um de tantos palácios de propriedade da Câmara Apostólica. A luxuosa, grande e bem protegida edificação veio a ser utilizada, por mais de duzentos e cinquenta anos como sede principal política e administrativa do Território Ferrarense pelos mandatos pontífices e como residência dos cardeais que estavam com o encargo de governar a cidade.

Por certo, isto não garantiu novos e grandes enriquecimentos arquitetônicos e decorativos à edificação, mas garantiu-lhe uma boa condição de manutenção, como no caso da atenciosa reconstrução da mureta do Jardim Suspenso das Laranjeiras, parcialmente derrubado no fosso por uma violenta tempestade em 1740. No entanto, nesse longo período, em algumas partes do Castelo houve, ainda que limitadas, operações de transformação e decoração significativas e duráveis.

Séculos XVII e XVIII

Ao início do curso dos anos 1600 e 1700, tem-se notícia de intervenções em limitadíssimas partes do Castelo, quase exclusivamente obras de decoração, sem transformações arquitetônicas e artísticas importantes.

Essas intervenções não são hoje rastreáveis, a não ser por arquivos cronológicos que ligam os nomes dos artistas, em eventos notórios, que foram para estas obras requisitados, como Domenico Mona, Scarsellino (Hipólito Scarsella), Francesco e Antonio Ferrari e Giuseppe Travagli. Houve em alguns casos intervenções imediatas à devolução do governo ao Estado da Igreja, para sinalizar a nova situação política, compreensivelmente em particular nas salas de maior exposição pública da função de governo e na residência do cardeal: na ala do palácio da Rua Coberta, alas entre a Torre do Marquês e a de São Paulo e de Santa Catarina até o Aposento da Paciência. Em alguns outros casos houve intervenções ainda mais efêmeras, ligadas a eventos como celebrações particulares, visitas importantes ou recepções luxuosas e cerimoniais. Por outro lado, seguindo-se a dois incêndios acontecidos em 1634 e 1718, foram perdidas importantes decorações e afrescos, como no caso de alguns atribuídos a Dosso e Battista Dossi, na famosa ala da Rua Coberta. Também no exterior se vêem alguns traços de intervenções daquele período: o mais evidente é a pequena sacadinha em madeira coberta com um medalhão em pedra que em torno de 1773 foi construído por ordem do Cardeal Scipione Borghese que almejava um ponto de observação atraente.

Da pequena sacada se viam – naquele tempo – ainda hoje fácil verificar -três importantes Portas da cidade: a Porta dos Anjos, a norte no final da Rua Hércules I d'Este, a Porta Leste no final da Rua Giovecca e a Porta Oeste ao final do então Canal Panfilio, hoje Rua Cavour.

Século XIX

A aparente tranquilidade política de Ferrara sofreu um abalo em 1797, quando, as tropas francesas de Napoleão invadiram a cidade e ocuparam o Castelo. Daquele breve período, em que algumas partes do monumento foram residência privada, não restam sinais evidentes, a não ser por uma saleta no primeiro mezanino da ala sul, com acesso pela Rua Coberta, que apresenta um grafite, obra provavelmente de algum prisioneiro político, ilustrando uma longa representação de uma procissão religiosa, um destacamento militar e uma execução capital sob as insígnias revolucionárias da Árvore da Liberdade. Após os Franceses, os Austríacos ocuparam o Castelo em 1813 para fins de vigilância durante a Restauração e o retorno dos representantes políticos do Estado da Igreja. O Castelo, então, retornou à sua destinação usual, que lhe haviam dado os Cardeais Designados, com a inclusão de uma pequena guarnição militar e com o retorno ao uso de diversas celas destinadas a prisioneiros políticos. Foi, então, nesse momento, e até 1860, ano da anexação de Ferrara ao Reino da Itália, que diversos pintores, como Francesco Saraceni, Gaetano Domenichini, Francesco Migliani e outros, foram novamente chamados a imprimir no Castelo traços do gosto artístico dos anos 1800. Especialmente na parte do andar nobre escolhida naquela década como residência privativa e de representação. Vale dizer: as salas entre a Escadaria Espiral, a Torre do Marquês, a ala da Rua Coberta e a Torre de São Paulo.

As salas daquelas partes do Castelo, conservando, na sua maioria a mesma estrutura decorativa, permaneceram como alojamento e ambientes de representação das Prefeituras que se sucederam no Castelo até o ano de 2001. O mesmo não aconteceu com a ala da Rua Coberta, onde o uso privativo habitacional provocou pesadas demolições e reconstruções sobrepostas.

A Sala da Devolução

Na sala contígua à do Governo, encontram-se, na cornija superior, e à sua volta, obras decorativas dos anos 1800, como na Sala das Paisagens, realizadas por Francesco Migliari e Gaetano Domenichini. Nesta decoração, os pintores procuraram sublinhar e harmonizar os tetos com temas decorativos com grotescas, próximos à esplêndida decoração do contíguo Salão do Governo, emoldurando quatro quadros de autoria de Francesco Saraceni, datados de mais ou menos 1840. Os quadros sintetizam os episódios significativos da Devolução: Lucrécia d'Este, Duquesa de Urbino, em negociações com o cardeal-sobrinho Pietro Aldobrandini, sobrinho do papa Clemente VIII: César d'Este deixa a cidade de Ferrara; o papa Clemente VIII recebe as chaves da cidade; e presença, da sacada da Torre dos Leões, a regata das mulheres de Comacchio no fosso do Castelo.

A Sala das Paisagens

O teto desta grande sala, também com arcos e caixilhos e meias-luas laterais pintadas, apresenta decorações monocromáticas de certo valor dos primeiros decênios do século XIX. A fachada alta da cornija contém dez paisagens românticas atribuíveis ao pintor setecentista Giuseppe Zola ou a sua escola.

A Sala das Geografias

Nesta sala situada no interior da Torre do Marquês, e na qual se conservam duas placas em memória da estada de Giuseppe Garibaldi e do rei Vittorio Emanuele III, no antigo teto com caixilhos e meias-luas laterais se encontra agora uma decoração monocromática provavelmente do segundo decênio dos anos 1800, com anjos e figuras alegóricas. Os cartões ali inseridos apresentam nomes de personalidades importantes de Ferrara; cientistas, poetas, pintores e arquitetos. Certamente essa obra recobre uma decoração mais antiga e não mais bem identificada. Mais antiga, do século XVIII, são as decorações das paredes, encontradas durante os últimos restauros, que representam o território ferrarense em seu conjunto e em algumas porções importantes, feitas pelo cartógrafo e agrimensor Giuseppe Tomaso Bonfadini. Sobre a parede norte se encontra uma cena de batalha nos portões de Ferrara.

O Salão dos Brasões

O Salão dos Brasões, depois de ter sido construído no Ducado de Hércules I, hospedou, na segunda metade de 1500, junto àquela que hoje é chamada de Sala dos Municípios (Sala ex-Conselho Provincial), uma coleção que Afonso II quis que fosse encomendada a Pirro Ligorio. Estão nesta sala, junto à insígnia humanista, formando principalmente uma coleção de objetos de arte antigos, um bom número de obras em sua maioria da época romana, grandes esculturas, vasos e pequenas estátuas em bronze: um verdadeiro Antiquário. Em seu aspecto atual, entre o arco de abertura e o encontro com as paredes, uma faixa pintada, com mais de quatro metros de altura, traz no alto os brasões dos pontífices sob os quais, elegantemente estão os brasões dos Cardeais designados que tiveram, desses Pontífices, o mandato de jurisdição civil e política dos bens da Igreja. A fachada, construída nos primeiros anos de 1600, apresentava, naquele tempo, escudos anônimos, alternando as cores prata e ouro: sempre que um Cardeal sucedia outro, no controle do Estado e um Pontífice sucedia outro no Poder Papal, seu brasão era colocado entre este calendário do domínio do Estado da Igreja. A estrutura decorativa das paredes fora estudada e realizada na ocasião da visita do Papa Pio IX a Ferrara em 1857. Apagando tudo o que era pré-existente, foram reordenados os brasões cardinalícios que não tinham lugar na fachada seiscentista e foram pintados por Celestino Tommasi e Giuseppe Migliari cinco vistas dos principais centros pertencentes à Liga Ferrarense, Cento, Comacchio, Lugo e Bagnacavallo.

Em 1860, depois da Unificação Italiana pela Coroa de Savóia, o Castelo passou a fazer parte do domínio do novo Reino. Após poucos anos, em 1874, a grande edificação foi a leilão e foi adquirida pela Delegação Provincial de Ferrara por 120 mil liras.

A Galeria dos Camarins

Na sala das Paisagens se introduziu a citada Rua Coberta e a primeira das salas é a assim chamada de Galeria dos Camarins. Em certo período, nos primeiros anos de 1500, este espaço havia sido justamente concebido como uma pequena galeria que fazia um fechamento entre os Camarins Dourados das coleções e os aposentos do Castelo. Sua estrutura decorativa atual vem de 1936, quando o pintor Augusto Pagliarini teve o encargo de repintar completamente o ambiente com figuras mitológicas inspiradas nos Trabalhos de Hércules com inclusão de grotescos. O intento de reproduzir a pintura figurativa Estense não teve aí o êxito que tiveram os ornatos das paredes, realizados pelo mesmo autor nas salas da ala oeste entre as torres de São Paulo e Santa Catarina.

A Sala das Comunas (Municipalidades)

Por cerca de oitenta anos, nesta sala se realizaram as reuniões do Conselho Provincial. Todos os traços do Estado Estense – de quando esta sala era chamada “Sala da Fé”, talvez adequada às refeições ducais – foram perdidos. Em 1919, terminada a Primeira Guerra Mundial, realizou-se uma obra ambiciosa originada por um projeto idealizado desde 1916: a reestruturação da Sala do Conselho, desde a decoração dos móveis até a iluminação. Foram requisitados para esse trabalho Giovanni Battista Gianotti, idealizador do conjunto e o marceneiro Ettore Zaccari. A obra, excelente experimento do desenvolvimento da “liberdade em art déco”, apresenta mosaicos de cerâmica em espelhamento, representando os brasões das cidades da Província e o da própria Província de Ferrara, no painel grande da parede sul, com o motivo de ondulantes papoulas em grão. O mesmo motivo retorna em uma das molduras lineares entalhadas nos seis portais, junto a enguias entre ondas e algas, esquilos em ramos floridos, andorinhas em vinhas, galinholas em vales, libélulas e borboletas entre espigas.

A Saleta dos Venenos

No âmbito das intervenções para restauro entre 1910 e 1930, mediante um concurso previsto em 1926, o encargo de decorar o teto redondo e rebaixado desta saleta foi entregue ao pintor ferrarense Carlo Parmeggiani. Esta saleta também se chamou “Quadrifora” ou “do Terraço”. O tema da intervenção, concluída em 1927, foi claramente inspirado na representação da época fascista, expondo um retrato do hierarca ferrarense Italo Balbo.

O Castelo dos Anos 1900 Até Hoje

A destinação dos monumentos ao longo de sua história é um dos elementos fundamentais que determinam as condições de conservação que se atingiram. O bom estado de conservação na qual o Castelo Estense de Ferrara se encontrava no início do Século XX, a poucos passos de uma cultura apoiadora da conservação e restauro dos monumentos, deriva justamente do fato de que ao longo de sua história, a edificação permaneceu viva, sem ter sofrido momentos traumáticos de abandono e dissociação de sua forte imagem das importantes funções de governo do território.

Vimos como o Castelo nasceu e se desenvolveu quase inteiramente como Fortaleza e Palácio da Corte, muito valorizado como edificação e como objeto de arte, entre o final do Medievo e o Renascimento. Durante o longo período de controle político da cidade de Ferrara por parte do Estado Pontifício, o Castelo, enquanto sofria uma certa diminuição de representação com o incremento de sua função burocrática, não cresceu mais, enquanto os pátios e as áreas externas do fosso de sua propriedade tornavam-se pouco a pouco zonas públicas. Após a passagem ao domínio do Reino da Itália e o leilão público de 1874, que presenciou a Delegação Provincial adquirir o edifício, planejou-se para o Castelo de Ferrara, por quase todo o Século XX, um uso localizado, ainda, para a representação e em maior parte para escritórios de instituições, de Entes Locais e de Estado. No “Correio Padano”, em 1927, apareceu um artigo intitulado: Para o decoro e para a arte: Liberemos o Castelo Estense”. Foi a primeira vez que este conceito foi expresso abertamente e começou a existir na consciência do mundo político e cultural da cidade de Ferrara.

Mas a própria Província de Ferrara, agora sua proprietária, acompanhou, dos anos 1980 até hoje, o Castelo em seu mais correto restauro e numa função moderna e comunicativa de Museu, com todo seu conteúdo artístico e de monumento. Hoje o Castelo Estense de Ferrara é o símbolo da cidade, um dos monumentos italianos mais visitados, exemplo de prestígio de Castelo Medieval e contemporaneamente de Residência Principesca Renascentista.

Os Restauros de 1910 – 1930

Durante o Século XX, no Castelo se realizaram poucas obras de transformação. Realizaram-se muitos trabalhos de manutenção e de adaptação para as sempre renovadas exigências de escritórios, alguns restauros e se trabalhou muito na transformação muito discutível de seu entorno. As intervenções realizadas entre 1910 e 1930 foram muito ativas. Dois suportes temáticos poderiam ser assim sintetizados: “O Castelo na expansão urbana” e “A medievalização do monumento”.

Entre 1910 e 1912 uma intervenção interessante permitiu a reabertura do Pátio das Laranjeiras, até então completamente tapada, depois fechada com vitrais durante o segundo período pós-guerra, para ser destinada às reuniões da Junta Provincial.

O espaço original foi reaberto nas restaurações dos anos oitenta. Também foram reabertos os arcos renascentistas em 1917, que estavam completamente lacrados, desde a sacadinha oeste da Torre dos Leões, enquanto, poucos anos depois (1925), felizmente foi rejeitado um projeto de remodelação das mesmas sacadas. Uma proposta de 1925 de retirada do revelim norte para alargar a rua defronte, mostrou-se muito mais sensata durante a restauração da sacadinha de madeira efetuada depois de extensos debates em 1936. Em 1877 se havia realizado uma intervenção de sistematização da entrada do revelim sul com a demolição de uma rampa que, paralela à mureta do fosso, era protegida pelos muros, com uma curva de ângulo reto, no próprio revelim.

Sem entrar no mérito da ideia, certamente essa intervenção gerou a oportunidade de efetuarem-se outros trabalhos do declive obsoleto da praça inteira a sul do Castelo para a execução de um discutível acesso de tráfego ao Castelo. Foi exatamente com os trabalhos efetuados entre 1917 e 1925 que se quis dar um novo aspecto ao pátio e,

ao mesmo tempo, uma completa acessibilidade de tráfego de automóveis ao Castelo. Em poucos anos abaixaram-se os revelins sul e norte (os sinais de vários níveis são ainda evidentes), alargaram-se os arcos de acesso ao pátio dos dois revelins e todo o pátio, como já mencionado, foi completamente transformado. Apagando nos rebocos afrescos tipicamente renascentistas, o Pátio da Honra foi reabilitado à sua “forma original” não mais bem identificada, sublinhada pela evidência de traços de uma passarela que provavelmente existiu ao longo das laterais do pátio do Castelo e de cuja existência não foram encontradas provas. Entre as muitas perdas importantes de afrescos e frisos arquitetônicos, foi também demolida uma sacada coberta que se estendia no primeiro andar do lado oeste do pátio. O fosso do Castelo foi um desses elementos paisagísticos do entorno do monumento mais sacrificados, manifestando uma grande falta de sensibilidade quanto ao seu valor ambiental e urbano. Na verdade, o fosso perdeu progressivamente seu contato natural com o sistema de canais que percorriam a cidade e que tinham sido ruas enterradas, tombadas e em alguns casos transformadas em túneis de drenagem dos sistemas de esgoto públicos. O último ato – que teve uma grande influência sobre a imagem urbana do fosso e do monumento, e que ainda cria imensa dificuldade na manutenção desse espelho d’água, um raro residual da casuística atual dos castelos italianos e europeus – esteve ligado ao tombamento, em 1863, e à sucessiva transformação do Canal Panfilio em sistema de esgoto público até a atual diretriz da Rua Cavour. Este procedimento de distanciamento forçado da fossa do Castelo e das fontes de provisão das águas superficiais limpas presentes na cidade, é ainda motivo de preocupação sobre a manutenção da qualidade higiênica e estética da bacia.

Entre 1913 e 1926 aconteceu a transformação da saída do Castelo, que era uma via estreita, ladeada por alojamentos baixos, que tinha uma visível inclinação e levava à entrada do revelim norte. O resultado foi a demolição dos alojamentos, o abaixamento da saída com variações de inclinações dentro do revelim norte, o alargamento da rua e a construção em 1926 do Palácio da Câmara do Comércio. No interior foi construída, em 1919, a nova Sala do Conselho Provincial, já no Salão dos Jogos. Em 1926 o arco da Saleta dos Venenos foi pintado com afrescos por Carlo Parmeggiani.

Em 1946 houve a restauração de um dano importante devido ao bombardeamento do revelim norte que foi reconstruído fielmente pela Engenharia Civil.

Os últimos Restauros

Nos anos Oitenta iniciou-se um ciclo de restauros e intervenções que liberaram as alas do Castelo pouco a pouco das lojas e escritórios para inserirem-se, num único sistema de acesso, a visitação pública e disponibilidade aos eventos provisórios públicos e privados. Os subterrâneos, as salas góticas do andar térreo, as ex-cozinhas, a Torre dos Leões, o Aposento do Espelho, reunidos em sua continuidade evocativa e renovados em sua reconstrução filológica tiveram conteúdo histórico e didático válido e foram protagonistas em 1998 da primeira estrutura museal. Entre 2001 e 2003, graças ao deslocamento dos escritórios que se encontravam no andar nobre nas alas oeste, sul e leste, todas as salas que continham o patrimônio mais relevante do ponto de vista histórico, artístico e arquitetônico do monumento foram finalmente reunidas na estrutura hoje visível equipada pela comunicação didática do arquiteto Gae Aulenti.